

VIAJOSOLA: ANÁLISE E AUTOCRÍTICA DE UMA PRIMEIRA VERSÃO

Hanna Henck Dias Esperança¹

RESUMO: Este trabalho integra o primeiro capítulo do memorial artístico produzido para o trabalho de conclusão do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) - *Campus* de Curitiba II, como espaço de reflexão dos processos do documentário de curta-metragem *ViajoSola*. Feito inteiramente com imagens de arquivo de viagens e com um texto de narração em voz over escrito em primeira pessoa e baseado nos relatos coletados em entrevistas, o documentário aborda a experiência de ser mulher e viajar sozinha, com o objetivo de criticar e denunciar a cultura machista que não consegue aceitar quando essas mulheres decidem viajar solo, que amedronta através da mídia e da violência. O documentário pretende ser, também, um incentivo para que mais mulheres ocupem espaços, seja por uma busca delas mesmas ou pela importância de se viajar sozinha como uma forma de protesto, uma parte da luta feminista e uma resistência ao machismo que as cercam. Neste estágio do memorial, será analisada uma primeira versão já existente do *ViajoSola*, os processos e as escolhas para que, a partir de uma autocrítica, surja uma nova e última versão.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema documentário. Cinema feminista. Imagem de arquivo. Memorial artístico.

VIAJOSOLA: ANALISYS AND SELF-CRITICISM OF A FIRST DRAFT

27

ABSTRACT: This paper is part of the first chapter of the artistic memorial produced as the conclusion work for the Cinema and Audiovisual course at Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) - *Campus* Curitiba II, as the space for reflexions about the processes of the short documentary *ViajoSola*. Made entirely with footage from travel archives and with a text - written in the first person based on reports collected in interviews - narrated in voice over, the documentary approaches the experience of being a woman while travelling alone and has as objectives to criticize and to denounce the sexist culture which is not able to accept when these women decide to travel solo, and frightens them through the media and through violence. The documentary intends to be, as well, an incentive for women to occupy more spaces, be it for a search for themselves or for the importance of traveling alone as a form of protest, a part of the feminist fight and a resistance to the sexism that surrounds them. At this stage of the memorial, the already existing *ViajoSola*'s first version will be analyzed, as well as the processes and choices, so a new and last version can appear.

KEY-WORDS: Documentary cinema. Feminist cinema. Footage archive. Artistic memorial.

¹ Graduada em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar) - *Campus* de Curitiba II. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som (PPGIS) na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), na linha de pesquisa de História e Políticas Audiovisuais, realizando investigação com foco na produção de diretoras brasileiras dos anos 1980. E-mail: hanna.esperanca06@gmail.com

INTRODUÇÃO

Foram abordadas no memorial artístico-reflexivo do trabalho de conclusão prático-teórico do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) - *Campus* de Curitiba II², no mínimo, duas versões do *ViajoSola*. O primeiro capítulo, que será aqui apresentado, foi inteiramente dedicado ao que eu classifico como a primeira versão, mesmo que ela seja a terceira no contexto em que eu estava há pouco mais de um ano, que era o de produzir o filme como trabalho para a disciplina de Direção Audiovisual II do curso. Nele está um relato de todos os processos: da concepção da temática do filme, porque ele surgiu e em qual contexto, as escolhas formais e o que me levaram a essas escolhas, além de uma análise crítica dessa primeira versão, que irá abrir caminho para que, já nesse capítulo, eu introduza quais serão as principais mudanças e as minhas expectativas para a versão final do *ViajoSola*. Refletir sobre o primeiro filme foi imprescindível para que a nova versão existisse.

VIAJOSOLA, A PRIMEIRA VERSÃO: DE ONDE EU PARTI

A primeira versão do *ViajoSola* foi finalizada no dia 29 de junho de 2016 e entregue como trabalho final para a disciplina de Direção Audiovisual II, ministrada por Evaldo Mocarzel. Desde o início daquele semestre, eu sabia que teria que produzir um documentário, mas não acho que o *ViajoSola* tenha vindo a existir pela simples obrigatoriedade acadêmica. Eu já havia passado por duas disciplinas de Documentário e em nenhuma delas me ocorreu discutir sobre mulheres que viajam sozinhas ou sequer discutir qualquer faceta feminista, mesmo que nos meus artigos e seminários o tema já fosse constante. Talvez porque me faltasse a obrigatoriedade de dirigir, de ser autora e talvez porque me faltasse a motivação. E, na verdade, eu acho que foram ambas.

Eu não acredito ou acredito muito pouco em fazer filmes que não se relacionem, nem que minimamente, com nós mesmos, com algo pessoal. Mas eu também nunca gostei de me expor, e acho que por isso acabei demorando um pouco para perceber que o *ViajoSola*

2 Concluído em 2017 sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Tulio Baggio.

é muito mais pessoal do que eu pretendia. É inegável, porém, que meu filme surgiu pelas duas vias: a da experiência própria e a da experiência da outra e que eu provavelmente não estaria escrevendo este memorial se ambas não tivessem se encadeado.

Em 28 de fevereiro de 2016, duas mochileiras argentinas, Marina Menegazzo e María José Coni, foram encontradas mortas no Equador. Elas viajavam juntas em direção ao Peru quando foram brutalmente assassinadas com golpes na cabeça e facadas por dois homens da região. A violência do acontecimento e a violência da mídia em retratar o caso chocou toda a América Latina: para as matérias de jornal, as mochileiras viajavam sozinhas, para a vice-ministra do turismo do Equador era questão de tempo até que isso acontecesse. Manifestações surgiram nas ruas da Argentina e também tomaram conta da internet, protestando contra as declarações machistas que culpabilizavam as vítimas, seus pais, suas escolhas, enfim, qualquer um que não fossem seus assassinos. Nas redes sociais, várias mulheres começaram a relatar suas experiências através da hashtag #ViajoSola e a defender o direito de viajarem sozinhas. Um texto intitulado “*Ayer me mataron*”³ (em português “*Ontem me mataram*”) escrito por Guadalupe Acosta viralizou. O movimento foi tão grande e sensibilizador que levou a saída da vice-ministra de seu cargo⁴ e a mídia passou a tratar o caso com mais cuidado. Iniciou-se um debate sincero sobre feminicídio e machismo e sobre o mito que é viajar sozinha sendo mulher.

Em meados de maio de 2016, fazia dois anos e meio que eu realizava regularmente viagens de Curitiba à minha cidade natal, Pereira Barreto, no interior de São Paulo. São 771 km, dois ônibus e uma viagem de carro até lá, totalizando catorze horas, sozinha. Eu sempre compro a poltrona do corredor. Não porque eu gosto ou porque é mais confortável, porque é mais fácil de sair e ir até o banheiro, de esticar as pernas, mas porque me dá a possibilidade de fuga. Fuga de prováveis estatísticas, de dados que possivelmente nunca foram contabilizados além de vó para mãe, de mãe para filhas, de irmãs para irmãs.

3 “ONTEM me mataram”, a carta em memória das duas viajantes assassinadas no Equador. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/02/internacional/1456911848_192026.html>. Acesso em: 05/07/2017.

4 CORREA demite representante do Ministério do Turismo que justificou estupro de mochileiras. Disponível em: <<http://www.horadopovo.com.br/2016/03Mar/3423-16-03-2016/P6/pag6d.htm>>. Acesso em: 05/07/2017.

Foi em uma dessas longas viagens no escuro de um ônibus sem conseguir dormir, pensando em Marina e Maria, em mim e em todas as outras, que surgiu o *ViajoSola*. Estão aí as forças movedoras do meu filme e elas são imutáveis, da primeira à última versão. Foi o que definiu, ao longo do primeiro processo, todas as abordagens, todas as posturas tomadas e é também, por mais contraditório que possa parecer, o que irá definir os meus novos caminhos. O *ViajoSola*, ao mesmo tempo em que surgiu como uma revolta descarregada em homenagem, surgiu também como uma curiosidade extremamente pessoal e necessária. Eu precisava entender a dualidade que é viajar sozinha, já que eu só conseguia ver a faceta negativa. Quem são essas mulheres que viajam sozinhas? Por que elas escolhem viajar sozinhas quando eu, que não escolhia, preferia muito mais ter uma companhia? Elas não sentem o mesmo medo que eu? Essas perguntas, hoje um pouco mais elaboradas, ainda me movem. Meu filme continua sendo uma homenagem à Marina e María, meu filme continua sendo manifesto feminista de indignação, meu filme continua sendo sobre a coragem de ser mulher e resistir, de ser mulher e viajar sozinha contra todos e, também, do sentimento do prazer descomplicado que é estar só.

Eu, que nunca viajei sozinha além dos meus 771 km de ônibus e fiz este documentário, não consigo evitar em perguntar quando surge algum caso de abuso: mas por que sozinha, meu Deus? E imediatamente encontro conforto nas respostas.

30

VIAJOSOLA, A PRIMEIRA VERSÃO: DOS PROCESSOS E DA ANÁLISE

A primeira versão do *ViajoSola* é um dos meus únicos trabalhos que, de vez em quando, eu me orgulho do pouquíssimo tempo em que foi feito e eu espero que as leitoras e leitores que vierem a ler esse artigo entendam isso da melhor forma. Ele é um dos meus lembretes pessoais de que quando tudo parece dar errado, desistir nem sempre é a melhor opção e que, na verdade, as adversidades podem se tornar um bom caminho criativo.

Quando me ocorreu a ideia de fazer um documentário sobre mulheres que viajam sozinhas, eu parti do princípio mais básico: a entrevista. Eu teria uma equipe que se resumiria a alguém para captar o som e alguém para montar o filme e as imagens das entrevistas seriam intercaladas com qualquer coisa que eu conseguisse filmar que remetesse ao ato de viajar: estradas, ônibus, placas, enfim, além de alguns planos de pertences pessoais

das entrevistadas coletados durante as viagens. Eu já tinha feito algumas pré-entrevistas, marcado outras e reservado os equipamentos necessários quando houve uma paralisação dos técnicos da sede do curso de Cinema e, por consequência, nenhum equipamento poderia ser retirado. Além disso, todos os meus colegas estavam ocupados com o próprio documentário e encontrar alguém que pudesse emprestar ao menos uma câmera e ajudar no processo ficou difícil. Como resultado, eu cancelei todas as entrevistas e decidi que faria a disciplina no próximo semestre.

Por estar extremamente incomodada com o fato de que eu não só teria que fazer pela primeira vez uma dependência como eu também corria o risco de deixar toda a minha vontade e motivação em realizar o filme passar, eu continuei pesquisando sobre o tema e pensando em possíveis alternativas. Foi quando, faltando mais ou menos uma semana para a entrega do trabalho, enquanto eu via vídeos no *Youtube* de blogueiras que viajavam sozinhas, surgiu a ideia de fazer um filme inteiramente com imagens de arquivo. Sem ainda nem saber o que eu faria a respeito do som, dos direitos de cessão de uso ou até mesmo das imagens, baixei mais de trinta vídeos que incluíam as paisagens mais diversas, estradas, praias, aviões, mulheres falando para a câmera, ruas lotadas de pessoas etc.

No meio deste processo, remarquei uma entrevista com a Cauhana Tafarelo, que conheci através da internet por uma indicação. Ela já havia realizado algumas viagens sozinha, tanto dentro do Brasil quanto da América Latina e ouvir suas histórias foi completamente inspirador. Eram relatos tão incríveis que eu só conseguia me sentir mal por não ter um gravador em mãos. As experiências da Cauhana já haviam se tornado parte fundamental do meu filme e eu não as tinha materializadas de forma alguma. Quando cheguei em casa, os pequenos detalhes estavam apagados da minha memória e eu não sabia se tal acontecimento tinha sido na Colômbia ou em qualquer outro lugar. Mas importava? E quanto aos outros relatos que eu havia lido pela internet ou os áudios recebidos por *Whatsapp* de tantas outras que contaram experiências igualmente inspiradoras? Como representar não só uma, mas várias? Até que percebi que mesmo com as singularidades de cada relato, a essência da experiência de viajar sozinha era muito semelhante: o abuso que elas

sofriam não era tão diferente daquele sofrido na rua de casa, os medos e as apreensões, os pequenos momentos potentes, a relação profunda com a natureza, a descoberta de que existiam mais pessoas boas no mundo do que ruins etc.

Tendo isso em mente, eu tentei sintetizar tudo o que eu me lembrava dessas histórias em um único texto em primeira pessoa. Eu pensei que talvez essas histórias pudessem ser mais universais se elas não tivessem um nome e um rosto e fossem mais afetivas do que factuais. Por isso, eu acabei misturando várias informações sem me importar realmente de quem era o quê. Eu queria que tanto minhas entrevistadas quanto as que eu nunca teria a chance de ouvir pudessem se identificar. Coloquei também certas experiências que eu sabia que poderiam se estender a uma quantidade de mulheres ainda maior, já que, por mais que eu estivesse falando sobre aquelas que viajavam sozinhas, eu ainda estava falando da experiência de ser, de existir como mulher.

Faltava agora decidir de que forma o texto seria colocado no filme. Eu imediatamente descartei uma narração que fosse minha, por não gostar da minha voz e achar que eu não teria uma justificativa plausível para narrar algo que não era necessariamente sobre mim. Também descartei a narração de qualquer outra pessoa por falta de tempo. Lembrei-me do documentário *As Águas* (2014), de Larissa Figueiredo, em que ela narra o filme através de legendas e pensei que talvez o mecanismo pudesse funcionar de maneira semelhante para mim. O processo a partir daí era relativamente simples: o texto funcionava como fio condutor da montagem e dele eu tentava estabelecer uma relação com os vídeos que eu tinha, além de ditar o ritmo dos cortes. A proposta era imaginar o meu texto como uma entrevista real e, como não havia som, era através da montagem que eu colocava (ou tentava colocar, pelo menos) as pausas, os respiros, o tempo da “fala”. Para auxiliar nisso, dividi meu texto em seis segmentos, sendo que cada um deles discorre sobre um aspecto da experiência de se viajar sozinha, para que, a partir dessa divisão, eu pudesse conseguir mais facilmente selecionar os planos e decidir os ritmos.

O primeiro segmento é uma introdução e vem acompanhado de planos que simulam os primeiros momentos de uma viagem: o passaporte, o embarque, a vista da janela do avião etc.

Eu acho que você deveria perguntar “você já sentiu medo?”, porque nunca me aconteceu nada, sabe? Mas o medo que eu já senti... só por estar ali, por ser mulher, por estar atravessando uma praia deserta sozinha. Por estar atravessando uma praia deserta sozinha sendo mulher⁵.

O segundo segmento foca no medo de viajar sozinha e eu utilizei planos mais urbanos, caóticos, cheios de pessoas e também planos noturnos, para que houvesse uma sensação mais claustrofóbica e de desconforto:

Quer dizer, nada não... a gente sofre tanto assédio que nem conta mais. E o pior é que eu poderia te contar agora uma história em que eu tenha sofrido alguma violência e você não conseguiria saber se foi aqui ou se foi em Istambul. Tá em todo lugar. A gente senta pra tomar uma cerveja e já vem garçom dando em cima, as quatro horas da tarde, com família do lado. A gente quer entrar num clube e perguntam nosso estado civil, se a gente tá sozinha... a gente só não tá sozinha quando tá com homem. A gente tá sozinha mesmo se for eu e mais dez, vinte mulheres atrás de mim. Mulher não conta. Não pra eles⁶.

O terceiro segmento é basicamente sobre sororidade, de mulheres que se ajudam em viagens, daí planos com mais de uma mulher em quadro, vídeos mais alegres e positivos:

Mas pra mim conta. Conta porque se eu peço carona e tem uma mulher no carro eu já me sinto tranquila. Conta porque a gente se ajuda, sabe? A gente acolhe em casa sem nem se conhecer, a gente toma as dores e se protege. A gente oferece um tênis seco quando estamos sozinhas depois de uma chuva inesperada na Colômbia mesmo sem falarmos a mesma língua, comunicando só pelo olhar. Sabe, esses momentos que compensam qualquer medo ou insegurança que você já tenha sentido, essa bondade humana que surge sem a gente esperar⁷.

O quarto é sobre o prazer de viajar sozinha. Foram usados planos de auto filmagem, com apenas uma mulher em quadro e algumas paisagens de praias, já que nos relatos quase sempre existe uma relação muito profunda com o mar enquanto viajando solo:

Só que as vezes a gente só quer ficar consigo mesma. Às vezes eu quero sentar de frente pro mar de Maceió e ficar lá, parada, por cinco horas inteiras. E eu sei que só eu vou querer fazer isso. Eu preciso viajar sozinha, eu preciso passar os perrengues sozinha e descobrir que eu posso resolver qualquer problema. Eu vou

5 Fragmento do texto verbal de *ViajoSola*.

6 Fragmento do texto verbal de *ViajoSola*.

7 Fragmento do texto verbal de *ViajoSola*.

chorar, passar fome e sentir um medo incontrollável, mas quando eu estiver olhando o mar por cinco horas seguidas eu vou saber que minha melhor escolha foi estar comigo mesma e mais ninguém⁸.

O quinto segmento é uma reflexão sobre a banalização da cultura do estupro.

Escolhi planos mais fixos, de estradas e vazios, fazendo uma relação com o medo paralisador da situação:

Mas aí você vai e enfrenta uma das viagens mais difíceis sozinha: atravessar o deserto do Atacama. Você se coloca no limite e prova pra si mesma que é capaz, fica dias sem tomar banho em um jeep com quatro homens desconhecidos, passa mal com a comida, dorme em um frio absurdo e consegue, finalmente, alcançar aquilo que você procurava, aquela vista que te faz refletir sobre todas as coisas bonitas no mundo. Até que no albergue, voltando já cansada, você percebe uma placa nos banheiros incitando estupros. E de todas as dificuldades que você passou até agora, nada se compara com aquilo, com aquele embrulho no estômago que te dá. Eles estão te lembrando que em qualquer lugar, a qualquer momento, você pode ser vítima daquilo. E de forma tão natural, numa piada...⁹

Por fim, o sexto e último segmento é um incentivo para que as mulheres viagem sozinhas e trata desse ato como uma forma de resistência, por isso foram usados planos mais abertos, que suscitam uma noção de liberdade:

Eles fazem isso porque têm medo. Porque não há nada mais aterrorizante do que uma mulher livre. Viajar sozinha é um protesto. É um protesto contra o machismo que nos quer ver presas dentro de casa, sem nos descobrir e descobrir que todos os lugares do mundo são nossos por direito. Eles vão nos lembrar constantemente o tipo de violência bárbara que podemos sofrer lá fora, mas vão tentar nos fazer esquecer que eles nos violentam da mesma forma dentro de nossos lares. Por isso viajo sozinha. Viajo sozinha porque se o meu medo vence, eles também vencem. Viajo sozinha por Marina e María... e por todas as outras¹⁰.

Uma das minhas principais preocupações ao escrever o texto era não conseguir balancear a denúncia e o incentivo. Eu precisava falar da sensação do medo e eu precisava falar dos abusos, dos assédios, mas eu sabia que não poderia ser mais uma colaboradora em incutir um medo tão paralisador nas mulheres ao ponto em que elas pudessem desistir de viajar, de procurar uma independência. Eu tentei o tempo todo compensar aspectos negativos com positivos através dos segmentos. Eu abro, por exemplo, o filme com um aspecto pesado, negativo, e termino com um que remete a um incentivo positivo, de luta.

8 Fragmento do texto verbal de *ViajoSola*.

9 Fragmento do texto verbal de *ViajoSola*.

10 Fragmento do texto verbal de *ViajoSola*.

E essa é, provavelmente, uma das grandes mudanças que aconteceram entre a primeira ideia do *ViajoSola* e a primeira versão efetiva deste filme. Antes da paralisação dos técnicos, eu já tinha pronto um questionário que eu fazia nas entrevistas. As questões eram sempre direcionadas para os aspectos de abuso e machismo que as entrevistadas ocasionalmente pudessem ter sofrido, ao invés de realmente tentar entender a experiência como um todo, fosse negativa ou positivamente. As respostas das minhas entrevistadas seriam completamente induzidas e eu tomaria como verdade algo que, na realidade, eu mesma havia instigado. Ao escrever um texto sintetizando a experiência de viajar sozinha, eu acabei me obrigando a uma reflexão necessária dos relatos coletados e a enxergar as dualidades, as outras facetas daquela experiência.

Não descarto a possibilidade de que, se eu tivesse feito o *ViajoSola* da maneira que eu queria inicialmente, poderia ter tido as suas potencialidades e não necessariamente teria sido um filme ruim. Hoje eu entendo mais que o documentário, não conseguindo nem ter um consenso de definição, tem muito menos um consenso de erros e acertos. Fazer o filme de uma forma modificada não significa que eu tenha acertado mais, mas que definitivamente resultou num outro filme completamente diferente, com significados e objetivos diferentes.

Como dito antes, o que eu estou considerando aqui como a primeira versão do *ViajoSola* na verdade é a terceira apresentada em sala de aula e, por consequência, a que valeu como meu trabalho final da disciplina de Direção Audiovisual II. Ressalto essa informação novamente por um simples exercício de autocrítica e que eu considero fundamental reconhecer para que não se repetisse na nova versão que se constituiu em meu trabalho de conclusão de curso.

Eu sou extremamente direta em questões de montagem. Nas aulas de Edição, meus colegas tinham vídeos com 5 minutos, por exemplo, enquanto eu, editando a mesma cena, acabava com um vídeo de 3. Se as pessoas geralmente fazem primeiros-cortes longuíssimos e depois cortam o desnecessário, eu sempre tenho que fazer o processo inverso: meus primeiros-cortes são extremamente curtos, diretos e a partir daí eu começo a “preencher os espaços”.

A primeira versão apresentada em sala de aula do *ViajoSola* tinha 4 minutos e alguns segundos. As legendas eram muito rápidas e quase não dava tempo de ler, muito menos de olhar para as imagens. O então professor da disciplina, Evaldo Mocarzel, teve que pedir para rever meu filme três vezes e, ao final, disse que eu precisava apresentar outro corte na aula seguinte com planos mais longos ou, no mínimo, com mais tempo de legenda. Mais uma versão foi apresentada e ainda estava muito rápida. A terceira e última tem 6 minutos. Eu adicionei mais planos, mas como eu tinha uma quantidade bem limitada de vídeos acabei diminuindo também a velocidade do *slow motion* para que as legendas ficassem por um tempo maior em tela.

Após entregar essa versão final, na época, eu realmente via meu filme como pronto. Eu sabia que, de uma forma ou de outra, eu teria que coletar novos vídeos para substituir aqueles que eu não tinha autorização e trabalhar um pouco melhor na distribuição de legendas, mas no geral era aquilo. Depois, fazendo um ano desde a sua finalização, após rever muitas vezes e pedir para que outras pessoas o vissem, percebo que esta versão que aqui revisito foi apenas um rabisco, mas um rabisco cheio de potencialidades não exploradas ou, talvez, exploradas rápido demais.

A partir daqui, irei analisar os aspectos principais desta primeira versão do *ViajoSola*, introduzindo quais deles foram trabalhados na versão que realmente ficou como sendo a final, quais foram mantidos, quais foram jogados fora e por que fiz essas escolhas.

DOS PLANOS E DA MONTAGEM

Mesmo depois de duas tentativas, eu ainda acho que a primeira versão do *ViajoSola* tem muitos problemas de montagem. Não pela questão de duração, já que meu filme poderia ser mais extenso ou mais curto e ainda ter problemas. A montagem do *ViajoSola* é, sobretudo, inconsciente. Todos os cortes feitos foram por instinto e toda a seleção de planos foi mais ou menos aleatória. Algumas características dos vídeos coletados aqui precisam ser levadas em conta, pois apesar de não me isentarem de ter feito uma montagem ruim, influenciaram diretamente a edição.

Todos os vídeos foram baixados diretamente do *Youtube*, então ocorriam duas coisas: ou eles já possuíam cortes ou eram extremamente curtos. Isso dificultava a minha edição e foi um dos motivos para eu fazer o uso do *slow motion*. Eu não tinha muitos vídeos e acabei usando quase todos os que eu tinha baixado, o que por consequência não me deu opções de uma escolha mais consciente. A única relação que eu criei foi a já citada no tópico anterior, em que eu tentei selecionar planos que se aproximassem mais de cada segmento, tanto do texto quanto da atmosfera que eu pretendia.

Entender que a minha montagem é parte fundamental do filme e que ela precisa começar na coleta de vídeos é o que fez toda a diferença na nova versão do *ViajoSola*. Por isso, foi necessário que eu definisse muito bem qual seria o conceito da minha montagem e qual seria o meu método de escolha dos planos ao invés de fazer tudo de forma completamente aleatória.

Dois planos são bastante significativos para mim na primeira versão do *ViajoSola* e, por isso, os mantive na versão final. São justamente os vídeos escolhidos menos aleatoriamente, que eu sabia onde e quando iria usá-los no momento em que eu os assisti. São eles, em ordem que aparecem no filme:



Fonte: *print screen* de vídeo cedido. Arquivo pessoal Marcela Patrício de Almeida.

Este plano vem acompanhado com as seguintes legendas: “E o pior é que eu poderia te contar agora uma história em que eu tenha sofrido alguma violência / e você não conseguiria saber se foi aqui / (corta para outro plano) ou se foi em Istambul”. Ele tem a função de fazer equivalência com aquilo que o texto fala, ou seja, da violência e da opressão através de uma imagem que remete a esse ato, mas que não o representa literalmente. O uniforme, o movimento duro e padronizado e as armas nos ombros são símbolos de uma violência naturalizada, tal como a violência contra as mulheres tende a ser.



Fonte: *print screen* de vídeo cedido. Arquivo pessoal Nicole Werneck.



Fonte: *print screen* de vídeo cedido. Arquivo pessoal Nicole Werneck.

O plano se inicia com a garota correndo para o meio da rua e a câmera faz uma *pan* mostrando que a estrada está deserta. Ela joga os chinelos para longe, gira com os braços abertos e faz uma cambalhota. É o plano com que o filme termina e as seguintes legendas estão inscritas nele: “Por isso viajo sozinha. Viajo sozinha porque se meu medo vence / eles também vencem. / Viajo sozinha por Marina e María... / (corta para tela preta) e por todas as outras”. Para mim foi importante que este plano, mais do que qualquer outro, permanecesse no filme, porque ele não só potencializa aquilo que o texto traz, como também sintetiza em apenas uma imagem o que é viajar sozinha, o desprendimento daquilo que é desnecessário e a liberdade que vem e se manifesta nos pequenos prazeres de estar só. É também um plano que registra um momento de felicidade e transmitir essa sensação para quem assiste ao filme, em seu desfecho, é imprescindível para que, mais do que a denúncia do tipo de violência que as mulheres sofrem, fique o ímpeto de viajar.

DO TEXTO E DA LEGENDA

O texto é uma das grandes potencialidades do meu filme. Eu acho que ele cumpre bem o seu papel ao criar uma pluralidade de vozes em uma só e, conseqüentemente, uma identificação maior daquelas experiências relatadas, não só de mulheres que viajaram sozinhas, mas de muitas outras também. Acho também que, ao contrário do que eu temia, acabei conseguindo balancear de forma satisfatória um tom denunciativo e, ao mesmo tempo, inspirador. Por isso, minha vontade foi permanecer com o texto e usá-lo, ainda, como fio condutor da minha montagem no filme final. Meus novos planos foram conectados com este texto e obedeceram à atmosfera imposta por cada segmento.

É importante colocar que todo o texto foi revisado e existiam duas partes que eu já as identificava como menos potentes que as outras e, portanto, sofreram mais mudanças. Para isso, fiz um novo processo de entrevistas com questões direcionadas aos pontos que precisavam ser melhorados. São eles os segmentos da sororidade e do prazer de se viajar sozinha e a transição entre ambos. Perguntas (que foram modificadas conforme a entrevista acontecia e as respostas eram dadas) como “qual a sua memória mais potente viajando sozinha?”, “quais as principais diferenças entre viajar sozinha e acompanhada?”, “alguém já te ajudou enquanto viajava sozinha?” foram incorporadas ao novo questionário.

Já as legendas, eu entendo hoje que tornavam o *ViajoSola* distante um pouco do seu objetivo como filme. Em Direção Audiovisual II, ao apresentar a primeira versão em sala, o mecanismo das legendas foi bastante elogiado, mas sempre olhando meu filme como um filme-manifesto. E talvez ele o seja, em um certo sentido. Um manifesto de indignação e revolta, um manifesto que não deixa de ser um chamado de luta e resistência. Mas eu não quero que ele seja apenas isso. Eu quero que meu filme seja sobre uma causa, mas que também seja sobre outras coisas, sobre um coletivo que também nos dá a possibilidade de nos identificarmos como pessoas. Continuar usando as legendas me deu a impressão de ir no sentido contrário a essa vontade e, por isso, na versão final, inspirada no filme *Línguas Desatadas* (1989), dirigido pelo ativista Marlon Riggs, e com o trabalho de som feito por Pedro Monte Kling, investi na construção de narração em *off*, misturando vozes de várias mulheres, assim criando um conjunto polifônico muito potente e ao mesmo tempo tendo a sensibilidade de saber em quais pontos isso era necessário e em quais não. Como resultado, eu acredito que, assim como na primeira versão do *ViajoSola*, o texto conseguiu continuar sendo uma das grandes potências do filme, mas dessa vez evidenciado e potencializado pelo som. Enquanto a legenda tinha o ponto positivo do silêncio, ela também tinha como negativo a extrema individualização do texto através da leitura, da descaracterização dos relatos como algo mais coletivo. Com a narração construída na versão final, com várias possibilidades que se misturam, o *ViajoSola* pôde adquirir, ao mesmo tempo, um caráter plural e identificável tanto como grupo quanto como indivíduo.

DA TRILHA SONORA

A trilha sonora da primeira versão de *ViajoSola* era bem sutil e minimalista. Eu utilizei a música “*Walking Around*” de um artista que se identifica como Nasienie no site Free Music Archive¹¹. A introdução da música são sons agudos e bem incômodos, parecidos com um som de microfonia e depois se torna mais suave, com ruídos repetitivos que se assemelham a um chocalho e vão ficando mais intensos até o final da música. Eu queria que a trilha sonora fosse quase imperceptível e criasse uma atmosfera bem densa para o filme. Aproveitando que a música estava sob licença CC BY-NC-AS 3.0 (*Creative Commons*

11 WALKING Around. Disponível em: <http://freemusicarchive.org/music/Nasienie/Private_Loops/03_nasienie_-_walking_around>. Acesso em: 05/07/2017.

Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported), ou seja, que eu podia utilizar a música no filme de graça e modificá-la sem qualquer problema desde que não fosse para uso comercial, eu resolvi reduzir a velocidade da música e adicionar alguns outros ruídos em cima, com o volume bem baixo, como sons de chamada de avião, do mar, vento e trens.

Na versão final do *ViajoSola*, essa música foi mantida apenas como referência para a criação de uma nova, levando em conta outras características específicas como, por exemplo, a narração do texto. As legendas eram muito potentes no sentido de que criavam automaticamente um “silêncio” incômodo e a trilha musical era parte fundamental nessa sensação também. No caso da versão final, foi preciso balancear narração e trilha de forma que houvesse também uma potência – ainda que uma potência em outro aspecto – sem que o som do filme ficasse muito carregado.

DO NOVO E DO SENTIMENTO DE PERTENCER

Realizar uma análise da primeira versão do *ViajoSola* foi fundamental para que eu desse os primeiros passos em direção ao meu novo processo. Abriu a possibilidade para que eu pudesse apontar os aspectos que considero positivos ou negativos para o tipo de filme que eu estava tentando construir, que eu pensasse melhor nas escolhas que fiz e por que umas funcionaram e outras não.

A primeira versão do *ViajoSola* foi a minha principal referência ao longo de todo o processo fílmico, mas acho importante também citar duas outras influências que tiveram grande impacto em mim e no modo como eu via todo o projeto: o livro “O Documentário: Um Outro Cinema”, do Guy Gauthier e os documentários da Naomi Kawase, ambos indicados pelo meu orientador Eduardo Baggio. Essas obras me instigaram a não só refletir o processo da primeira versão do *ViajoSola* e o processo da versão final, como também me instigaram a refletir o lugar que o meu filme poderia ter dentro do cinema.

Enquanto Gauthier discutia a melhor maneira de nomear e definir o documentário, eu assistia aos filmes de Naomi Kawase e, ainda, pensava no meu próprio processo fílmico: onde Kawase se encaixa na teoria do documentário? Onde eu me encaixo? Gauthier não gosta do romanesco, da encenação e nem da “coleta vagabunda de imagens” (GAUTHIER, 2011, p. 237) e não sei se Kawase me dá mais ou menos confiança para contrariá-lo.

Kawase filma, mesmo que de forma interventora, dramatizada. Se eu não filmo, o que me sobra? O que me tira do manifesto, da propaganda, da reportagem e me coloca não no documentário em si, mas no cinema? Foi preciso me aprofundar no que mais concerne o processo fílmico de Naomi Kawase, suas temáticas, seus silêncios, sua montagem e sua sensibilidade e ler as entrelinhas do livro de Gauthier para que eu entendesse que meu filme não precisa ter definições fechadas e que, na verdade, nem sequer existem definições fechadas, mas ele precisa, de alguma forma, pertencer. É muito difícil identificar o meu filme como algo pertencente ao cinema em si e acho que isso se reflete bastante no processo da primeira versão do *ViajoSola*, no uso quase nulo de referências fílmicas ou até mesmo na falta de preocupação em relação à qualidade de imagem dos vídeos, do formato, das legendas bagunçadas, do som sem qualquer tipo de finalização, enfim, de realmente pensar no meu filme como algo cinematográfico, um produto artístico, de constantemente me perguntar “mas por que eu estou escolhendo isso ao invés daquilo?”.

Portanto, esta primeira versão tornou-se o meu lembrete permanente em não tratar o *ViajoSola* apenas como um trabalho de conclusão de curso, mas sim como um filme.

REFERÊNCIAS

- ÁGUAS, As. **Direção:** Larissa Figueiredo. Brasil: Tu i Tam Filmes, 2013. 10 min. Color, HD.
- GAUTHIER, Guy. **O Documentário:** Um outro cinema. 1. ed. Campinas: Papirus, 2011.